

Motivações de casais pretendentes à adoção – uma pesquisa qualitativa

Couples motivations to adoption – a qualitative research

Motivaciones de parejas para la adopción – una pesquisa qualitativa

Janaína Ramalho Ferraz Pereira de Souzaⁱ

Durval Luiz de Fariaⁱⁱ

Resumo

Este artigo relata uma pesquisa sobre adoção. Intentou-se melhor instrumentalizar a prática do psicólogo judiciário que atua assessorando o processo de habilitação para adoção, de maneira a contribuir para que sejam estabelecidos os vínculos necessários para o bom êxito do processo. Participaram da pesquisa de natureza qualitativa cinco casais heterossexuais inseridos no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, casados civilmente e com idade entre 29 e 49 anos – características prevalentes no maior grupo de pretendentes cadastrado no órgão. Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico, entrevista semiaberta e recursos expressivos (desenho). Os conteúdos dos relatos foram analisados de maneira a identificar os temas comuns e os aspectos simbólicos envolvidos. As seguintes motivações para a adoção foram encontradas: desejo de formar uma família; desejo de exercer a paternidade/maternidade; desejo de ter filho. A infertilidade, nesta pesquisa, surgiu como um caminho para a adoção. Alguns elementos surgiram como aspectos inconscientes, como a idealização do filho e da família por vir, a ferida narcísica e os complexos parentais.

Palavras-chave: adoção; motivação; psicologia analítica; parentalidade; maternidade.

ⁱ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9904-3785>. E-mail: janaiferraz@gmail.com

ⁱⁱ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5599-7176>. E-mail: dl.faria@uol.com.br

Abstract

This article describes a research on adoption. It was intended to better instrumentalize the practice of the judicial psychologist who acts advising the process of qualification for adoption, in order to contribute to the establishment of the necessary links for the success of the process. Five heterosexual couples, civilly married and included in the National System of Adoption and Foster Care, aged between 29 and 49 years, participated in the qualitative research, characteristics that were prevalent in the largest group of applicants registered in the SNA. The instruments used were: sociodemographic questionnaire and semi-open interview. The content of the reports was analyzed in order to identify the common themes and the symbolic aspects involved. The following motivations for adoption were found: desire to start a family; desire to exercise paternity/maternity; desire to have a child. Infertility, in this research, emerged as a pathway to adoption. Some elements emerged as unconscious aspects, such as the idealization of the child and the family to come, the narcissistic wound and the parental complexes.

Keywords: adoption; motivation; Analytical Psychology; Paternity; maternity.

Resumen

Este artículo relata una pesquisa sobre adoção com solicitantes de adoção que se insertan en el Sistema Nacional de Adopción y Acogimiento (SNA). Se pretendió instrumentalizar mejor la práctica del psicólogo judicial que actúa asesorando el proceso de calificación para la adopción, con el fin de contribuir al establecimiento de los vínculos necesarios para el éxito del proceso. Cinco parejas heterosexuales, civilmente casadas e incluidas en el SNA, con edades entre 29 y 49 años, participaron de la investigación cualitativa, características que prevalecieron en el mayor grupo de solicitantes registrados en el SNA. Los instrumentos utilizados fueron: cuestionario sociodemográfico y entrevista semiabierta. Se analizó el contenido de los informes con el fin de identificar los temas comunes y los aspectos simbólicos involucrados. Se encontraron las siguientes motivaciones para la adopción: deseo de formar una familia; deseo de ejercer la paternidad/maternidad; deseo de tener un hijo. La infertilidad, en esta investigación, surgió como una vía para la adopción. Algunos elementos emergieron como aspectos inconscientes, como la idealización del niño y de la familia por venir, la herida narcisista y los complejos parentales.

Palabras clave: adopción; motivación; Psicología Analítica; paternidade; maternidade.

Cabe ao psicólogo judiciário, como membro de equipe multidisciplinar, fornecer subsídios para as decisões judiciais, mediante a emissão de laudos, relatórios e pareceres (Lei Federal Nº 8.069, 1990, art. 151). Especificamente, ao participar de processos de habilitação para adoção, esse profissional é responsável pela avaliação psicológica dos que pretendem adotar uma criança ou adolescente. Tal avaliação compõe o “estudo psicossocial, que conterà subsídios que permitam aferir a capacidade e o preparo dos postulantes para o exercício de uma paternidade ou maternidade responsável” (Lei Federal Nº 12.010, 2009 art. 197-C).

Entre os objetivos da avaliação psicológica, em um processo de habilitação para a adoção, está o de promover um espaço de reflexão e acolhida para que os pretendentes possam gestar o filho simbolicamente, corporificando-o por meio das palavras, sentindo-se como futuros pais e conferindo ao adotivo o lugar afetivo destinado a um filho. Adicionalmente, como observa Paiva (2004), nessa ocasião, é possível contribuir para que os envolvidos venham a se dar conta de suas motivações conscientes e inconscientes, o que tende a favorecer o exercício da maternidade e da paternidade.

Vale lembrar, ainda, que os complexos parentais, que marcam tão profundamente a personalidade e repercutem ao longo de todo o desenvolvimento do indivíduo, podem ser ativados na experiência da paternidade e da maternidade. Diante da perspectiva de se tornar pai e mãe, o casal que deseja adotar se defronta com a possibilidade de uma troca de posição: “Afinal, agora o indivíduo estará do outro lado do relacionamento; ele será o pai e não mais o filho, o que implica uma troca de posição que acarretará um novo modo de se viver a relação pai-filho” (Faria, 2003, p. 107). Refletir sobre o significado dessa experiência pode facilitar a reelaboração de antigos conflitos e abrir caminho para o estabelecimento de vínculos mais saudáveis com o filho que se pretende adotar. Em suma, “o trabalho visa implicar cada um dos demandantes com o seu pedido, evitando que se distanciem das razões conscientes e inconscientes que os motivam, ao invés de apenas tentar satisfazer as solicitações, com a entrega de uma criança” (Paiva, 2004, p. 64).

Por meio dessa e de outras práticas, a legislação existente procura garantir que os pretendentes à adoção passem por um “período de preparação psicossocial e jurídica, orientado pela equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude” (Lei Federal Nº 12.010, 2009, § 3, art. 50).

O objetivo deste trabalho foi, portanto, o de compreender as motivações para a adoção encontradas em pretendentes que estejam inseridos no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA). Intentou-se, dessa maneira, melhor instrumentalizar a prática do psicólogo judiciário que atua assessorando o processo de habilitação para adoção, de maneira a contribuir para que se estabeleçam os vínculos necessários para a construção da relação parental. Acredita-se, ainda, que esta pesquisa venha a ampliar o corpo de conhecimento sobre a abordagem junguiana ao abordar um tema ainda pouco explorado pela psicologia analítica.

REVISÃO DE LITERATURA

O estudo do tema adoção pode abranger alguns recortes, como: o abandono; o adotado; o processo de adoção; o adotante; a motivação para adotar; os fatores de natureza social, cultural e legal que influenciam a adoção, entre outros. Esta pesquisa volta-se, precipuamente, para a compreensão das motivações conscientes e inconscientes dos pretendentes à adoção, no âmbito da abordagem junguiana, com recortes de pesquisas em psicanálise.

O processo de adoção está intimamente ligado às áreas da paternidade e da maternidade (parentalidade). A parentalidade se expressa, em nossa cultura, pelo cuidado adulto em relação à criança e ao adolescente (Souza, 1994). Esse núcleo de cuidados se expressa hoje de diversas formas, abrangendo todos os gêneros, sendo distribuído em função das características de cada pessoa, grupo social e tipos da família (Faria, 2020).

Embora ainda haja uma predominância, em nossa sociedade, de famílias nucleares com componentes masculino e feminino cisgênero, cresce o número de famílias diversificadas: as mães e pais solo, as famílias com

casais homoafetivos, transexuais etc. O importante a ressaltar na relação de parentalidade seria a qualidade do cuidado destinado à formação do ser humano nas suas primeiras fases de desenvolvimento.

A emergência da criança por pais biológicos ou por adoção vai transformar a vida dos pais desde a mudança na habitação, nos hábitos, na relação do casal e na relação com a geração anterior. Psicicamente, a presença de uma criança pode constelar complexos inconscientes e aspectos da sombra dos pais, havendo um movimento progressivo e regressivo da psique provocado pela nova situação. Esses movimentos estão ligados, na teoria junguiana, ao processo de individuação (Jung, 2015).

O processo de adoção vai, então, mobilizar tudo o que diz respeito à parentalidade, não só em um movimento de progressão para uma nova área da vida, quando o casal vai ter que se adaptar à nova situação, mas também à regressão da energia psíquica em direção às experiências de relações primárias, ou os complexos parentais. Segundo pesquisas de Faria (2003, 2020, 2023) realizadas em grupos de pais e mães e com casais, em um trabalho de atendimento breve, um fenômeno sempre ocorre: o desejo de serem diferentes dos pais e mães que tiveram. Essas experiências podem se tornar conscientes para permitir a diferenciação entre o que foi vivido com os pais e o que está sendo vivido agora, no novo papel de pai e mãe.

Segundo Jung (1934/2015), o processo de individuação é espiralado e movido pela sua base arquetípica, que sempre se expressa nos vínculos e nos relacionamentos e passa por vários momentos. Ser pai e ser mãe vai constelar os arquétipos paterno e materno e as vivências pregressas, assim como apontar as mudanças necessárias para a vida do casal e de cada membro dele. A parentalidade, então, pode ser uma oportunidade para o crescimento e a transformação pessoal, assim como do casal e de sua relação com os filhos.

Outro aspecto importante é que a sociedade oferece moldes e performances culturais para o exercício de ser pai e de ser mãe (persona). Se, por um lado, tais moldes e performances ajudam o indivíduo a se situar no novo papel, por outro lado, a identificação com a persona pode levar a uma artificialidade no desempenho, levando à criação de um ego ideal que não corresponde às aspirações mais profundas da personalidade. Essas

aspirações provêm daquilo que é mais genuíno no indivíduo, uma aspiração do Self. Mas o Self, ou si-mesmo, não é algo padronizado em que todos devem chegar, mas apresenta-se a cada pessoa de determinada forma.

Segundo Winnicott (2016), quando uma criança não pode ser cuidada por seus pais biológicos, o melhor é que seja adotada para que possa se sentir pertencente a uma família. O sentimento de pertença decorre, na perspectiva psicanalítica, do fato de a adoção ser tomada como um modo de filiação simbólica, consequência do desejo de nomear um filho (Oliveira; Souto; Silva Junior, 2017).

A revisão bibliográfica sobre adoção realizada por Vescovi (2013) indicou haver consenso em torno da ideia de que todo o processo de filiação é, na verdade, uma adoção. Daí a necessidade de que o filho, quer adotivo quer biológico, seja primeiramente gestado no psiquismo dos pais. Esse é o entendimento que guiou esta pesquisa e, portanto, serão destacados os estudos que exploram os possíveis fatores psicológicos que influenciam, positiva ou negativamente, o modo como essa gestação psíquica ocorre nos casos em que há o desejo de adotar.

Infertilidade

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (WHO, na sigla em inglês), a infertilidade é definida como “uma doença do sistema reprodutor definida pela falha em conseguir uma gravidez após doze meses ou mais de relações sexuais regulares sem proteção” (Zegers-Hoschchild, et al., 2009, p. 1522).

Arruda e Lima (2012) relacionam alguns sentimentos recorrentes e encontrados em casais que vivem essa condição, tais como: medo, ansiedade, tristeza, frustração, desvalia, quadros de estresse ou depressivos, que, muitas vezes, levam o casal ou o indivíduo ao isolamento social.

Paiva (2004), por sua vez, chama atenção para a realidade de muitos casais que se submetem a incansáveis tentativas de viver a gestação biológica por meio de invasivos procedimentos de fertilização, evitando, em um primeiro momento, cogitarem a possibilidade de adotar uma criança.

Gimenes (2016) parece ecoar tais noções quando destaca ser importante que a adoção não se caracterize como uma consequência de tratamentos médicos malsucedidos, mas que seja um processo amadurecido (melhor integrado à consciência, por meio da simbolização do sintoma). Desse modo, é possível que o pretendente à adoção amplie sua disponibilidade para receber a criança, não atribuindo a ela a pesada função de suprir uma falta, de ser como um substituto do filho original. Assim, a criança adotada tem mais condições de encontrar um lugar no desejo, na atmosfera psíquica dos pais e pode nascer psiquicamente como o filho do desejo.

Arruda e Lima (2012) identificaram que homens e mulheres lidam de maneiras e em intervalos de tempo diferentes com o diagnóstico da infertilidade. A pesquisa que desenvolveram buscou compreender, simbolicamente, o impacto da infertilidade masculina, destacando-se devido à escassez de estudos sobre o tema. Com base no arcabouço teórico da psicologia analítica, Arruda e Lima (2012) realizaram um estudo de caso a respeito de um homem de 34 anos, casado e diagnosticado como infértil. Foram realizados dois encontros, com a realização da linha do tempo e a aplicação da técnica do desenho (livre, da árvore e temático). A análise do material obtido aponta o sofrimento e a dor decorrentes do diagnóstico de infertilidade. Todavia, o participante também manifestou, ainda que de forma ambivalente, um sentimento de esperança por meio dos símbolos expressos nos desenhos, como o vazio e o buraco, os quais também existem para serem potencialmente preenchidos.

Ferida narcísica

Vários outros estudos e pesquisas indicam, em meio a outras motivações, a decorrente da existência de uma ferida narcísica relacionada ao fato de o casal não conseguir engravidar. Ela diria respeito à frustração do desejo da transmissão genética, ou seja, do desejo narcísico de ter um filho que seja reflexo e perpetuação dos pais (Oliveira; Souto; Silva Júnior, 2017).

A adoção pode representar uma tentativa de evitar entrar em contato, ou de pôr fim à dor psíquica intensa causada pela esterilidade, ou um modo de compensar perdas sofridas como a morte de um filho, ou até mesmo uma

forma de suprir a inexistência de projetos de vida e de trabalho. Há ainda os que objetivam “salvar o casamento”, ter companhia na velhice ou ter alguém para receber a herança e cuidar do patrimônio familiar. Também não são incomuns os pedidos pautados em questões religiosas, designados “missões” ou “vocações”. A decisão, entretanto, pode estar associada ao desejo dos postulantes de se tornarem pais e de constituírem ou ampliarem a família. (Paiva, 2017, p. 82, aspas do autor).

A dificuldade de engravidar foi uma das motivações encontradas por (2008) na pesquisa realizada com dez pais que estavam na fila da adoção ou já haviam adotado, sendo oito mulheres e dois homens entre 20 e 69 anos de idade. As respostas às dez questões da entrevista estruturada utilizada indicaram, ainda, que a vontade de adotar também estava relacionada ao desejo de formar uma família e à vontade de ter um filho e/ou ajudar uma criança (Gondim et al., 2008).

O estudo realizado por Oliveira, Souto e Silva Júnior (2017) também os levou a concluir que a decisão de adotar está significativamente relacionada à impossibilidade da gestação, por infertilidade ou esterilidade de algum dos cônjuges, e a refletir que esse seria um luto a ser elaborado pelos candidatos à adoção, visando privilegiar os significantes repetidos nas falas dos participantes da pesquisa. Os autores também identificaram o receio de envelhecer na solidão como um fator mobilizador para a adoção e levantaram a hipótese de ser essa uma das repercussões da ferida narcísica decorrente da não elaboração do luto pela impossibilidade da gestação biológica – ferida que implicaria a necessidade de compensação. Nesse caso, caberia ao filho adotado cuidar dos pais na velhice como recompensa pelos cuidados recebidos na infância e na adolescência (Oliveira; Souto; Silva Júnior, 2017).

Com base em sua experiência profissional e em extenso levantamento bibliográfico, Donatelli (2020) é mais uma autora a afirmar que, entre as possíveis razões para adoção, está a dificuldade em elaborar a ferida narcísica resultante da infertilidade:

Para alguns pais, a adoção pode significar doação, caridade, o fato de fazer algo por outra pessoa. Para outros, o objetivo é evitar o confronto com a realidade de não poder gerar. Algumas pessoas adotam por estarem sós e

precisarem preencher esse vazio em suas vidas. Muitos adotam simplesmente por quererem ter um filho, fazendo daquela relação algo sólido e real (Donatelli, 2020, p. 142).

Vescovi (2013), por sua vez, buscou identificar as motivações e expectativas do adotante quanto à adoção e apontar as influências que tais fatores podem ter no relacionamento familiar. Cita, nos resultados de sua pesquisa bibliográfica, que a principal motivação para adotar, atualmente, é a infertilidade de ambos ou de um dos membros do casal. “A adoção no Brasil é comumente vista como uma das soluções para a infertilidade, constituindo uma das razões para a procura de bebês” (Vescovi, 2013, p. 68).

Idealização

Gimenes (2016) aponta a importância de identificar a presença da idealização e trabalhá-la na fase preparatória de avaliação dos pretendentes à adoção. A autora promove uma reflexão acerca de dois aspectos envolvidos no fenômeno da idealização do filho e da adoção. O primeiro consiste no fato de que a idealização integra o processo constitutivo das relações humanas, especialmente no início, quando os indivíduos ainda não enxergam o outro em sua totalidade. À medida que o relacionamento amadurece, existe a possibilidade de olhar o outro de forma mais inteira e real. O segundo aspecto diz respeito à idealização da criança, uma projeção dos pais sobre ela, sobre o que ela poderia ser (desejo inconsciente dos pais).

Altruísmo e caridade

Outra motivação para a adoção, encontrada nos estudos, é o altruísmo (Donatelli, 2020; Gimenes, 2016; Vescovi, 2013). Vescovi cita a pesquisa de Weber (2001 apud Vescovi, 2013), cujos resultados indicaram que 34,6% dos 240 pais adotivos participantes da pesquisa apresentaram as motivações social, caridosa, religiosa, ou seja, adotaram para ajudar uma criança ou um adolescente em situação de risco, embora já tivessem filhos biológicos.

A autora destaca que esse estudo identificou que os pais que adotaram por motivos altruístas demonstraram serem mais críticos em relação aos filhos quando comparados aos pais que adotaram por serem inférteis.

Gimenes (2016), em sua dissertação de mestrado, estudou a adoção à luz da psicanálise, sob a perspectiva das motivações inconscientes e de alguns temas considerados pela autora como óbices, ou seja, possíveis obstáculos para o bom êxito da adoção. A partir do levantamento bibliográfico realizado, a autora concluiu que, quando a adoção tem como principal motivação a caridade:

[...] a integração, libidinização e interdição da criança podem ficar comprometidas, restando-lhe um lugar à margem, dificultando ou impedindo sua ascensão ao estatuto de filho e de sujeito, enquanto os pais adotivos preservam seu próprio narcisismo sem se haver com suas lacunas psíquicas: em sua fantasia, já não mais são desamparados, culpados das mazelas sociais, inférteis, tampouco roubaram filhos alheios ou possuem questões mal resolvidas, mas sim são exemplos de cidadãos que ajudam e salvam ao próximo, caridosamente; e se continuam mortais (visto não terem se apropriado verdadeiramente do estatuto de pais), talvez, ao menos, mereçam um lugar no céu; afinal, maus são os genitores que entregaram e abandonaram a criança (Gimenes, 2016, p. 67).

Histórico dos pais

É importante considerar que a história psíquica dos pais pode repercutir na motivação para a adoção e na relação que será construída com os filhos adotados (Levy; Féres-Carneiro, 2001). A análise do filme *Meu Malvado Favorito* realizada por Vescovi (2013) também aborda esses aspectos.

Ao longo do filme, é possível observar cenas que retratam a infância de Gru, o pai adotivo das três meninas, cuja mãe não valorizava suas produções, como desenhos, protótipos e até um foguete que construía de verdade. A autora analisa que, quando a mãe não olhava, não valorizava o que o filho fazia, não estava cuidando emocionalmente da criança. Ela, aparentemente e a despeito do vínculo biológico, não havia adotado psicologicamente o filho.

Assim, Gru cresce desenvolvendo a maldade como um mecanismo de defesa. A falta de disponibilidade da mãe que não oferecia segurança afetiva levou Gru a permanecer ligado à figura materna de maneira insegura.

Quando adulto, a decisão de adotar parece surgir como tentativa inconsciente de resolução do conflito primário com sua mãe. A adoção aciona o lado afetivo de Gru, o qual não foi vivenciado na relação primária com ela. No desfecho do filme, ele demonstra se orgulhar do bom pai que se tornou, situação que também desperta o tão desejado reconhecimento de sua mãe (Vescovi, 2013).

A partir de uma leitura junguiana, é possível entender que a relação de Gru com as crianças proporcionou uma regressão a aspectos inconscientes, gerando maior contato do personagem com seus complexos primordiais, os quais poderiam estar impedindo uma vivência mais genuína no campo afetivo. Tal vivência também suscitou o contato com temas arquetípicos, como o motivo do abandono vivido tanto pelas irmãs quanto por ele em sua infância, na relação com sua mãe, que não conseguia estar emocionalmente junto ao filho.

MÉTODO

Esta pesquisa adotou a metodologia qualitativa, que tomou como base a abordagem junguiana. Segundo Penna (2004), a investigação psicológica, nesse caso, compreende uma visão compreensiva e interpretativa do fenômeno pesquisado, por meio da observação da palavra e das imagens, consideradas símbolos presentes no discurso e nas produções advindas de técnicas expressivas.

Foram entrevistados dez participantes, compondo cinco casais heterossexuais, casados civilmente e inseridos no SNA. Essas características são comuns ao maior grupo de pretendentes inseridos no SNA, o que justificou serem utilizadas como critérios de inclusão.

Os instrumentos utilizados foram:

- **Questionário sociodemográfico:** aplicado com o intuito de identificar o perfil dos participantes, contendo perguntas estruturadas sobre idade, estado civil, profissão, filhos biológicos e/ou adotivos, religião.

- **Entrevista semiaberta:** foram elaboradas questões abertas pela pesquisadora com a finalidade de promover um espaço de escuta para que os participantes pudessem narrar de forma livre suas motivações para a adoção.
- **Desenho:** essa técnica expressiva foi utilizada na presente pesquisa como um recurso projetivo para colher material inconsciente, identificando a relação simbólica que os participantes fazem das motivações narradas na entrevista. Nesse sentido, foram colhidas imagens e símbolos que, segundo o método junguiano, emergem da atividade pictórica e complementam o discurso consciente (Penna, 2004).
- **Roteiro de questões sobre o desenho:** foram realizadas quatro questões sobre o desenho que promovessem espaço para que o casal manifestasse as percepções, associações, imagens, emoções que a expressão da motivação para adotar representava para eles.

Os objetivos da pesquisa e os cuidados éticos foram preservados, uma vez que a seleção dos participantes obedeceu aos critérios de inclusão relativos ao cadastro nacional de adoção do SNA: não terem passado, anteriormente, com a pesquisadora, por avaliação psicológica em processo de habilitação para adoção; heterossexuais, casados ou em união estável. O critério de exclusão foi o não atendimento aos critérios de inclusão.

Atendendo às orientações dos órgãos de saúde para prevenção do contágio por coronavírus, a coleta de dados foi realizada de forma remota, por meio da plataforma Zoom.

RESULTADOS E ANÁLISE

Foram identificados dois grupos temáticos: I – Motivação para adoção, que abrange os temas Desejo de ser pai e mãe e/ou Desejo de ter filho e Desejo de formar uma família; II – Caminho para a adoção, composto pelo tema Infertilidade/dificuldade para engravidar.

Grupo temático I – Motivação para a adoção

Desejo de ser pai e mãe e/ou desejo de ter filho

O desejo de ser pai e mãe foi mencionado por 60% dos participantes como motivação para a adoção, ao passo que o desejo de ter um ou mais filhos (no caso do casal que já possuía um filho) foi citado por 80% da amostra. Nesta análise, consideraremos que ambos os desejos se equivalem, pois o exercício da parentalidade, necessariamente, implica a existência de alguém na posição complementar, exercendo o papel de filho.

Em cada etapa da vida existem constelações específicas dos arquétipos, que resultam em padrões de comportamento, sentimento e pensamento. Byington (2015) escreve que, em uma das fases do processo de desenvolvimento, que pode ocorrer dos 20 aos 40 anos, aproximadamente, os indivíduos, na maioria das vezes, iniciam sua vida profissional, casam-se e constituem uma família. Nesse momento, é comum o despertar do desejo de ter filhos. Quando isso é vivido, o jovem casal abre-se tanto para a sensualidade matriarcal quanto para a força da organização patriarcal na luta para construir um novo lar e consolidar uma nova família. Isso não significa que seja um movimento geral das pessoas, pois ter filho sofre atravessamentos de outros fatores, como os complexos culturais ligados à etnia, à classe social e ao gênero.

O perfil dos casais desta pesquisa se aproximou do postulado por Byington (2015), uma vez que a faixa etária dos participantes foi de 29 a 49 anos de idade. Assim, o discurso dos casais confirma o que escreve o autor, pois disseram que, embora já tivessem experimentado outras vivências, nessa fase da vida viram despertar ou intensificar o desejo de exercer a parentalidade que parece estar associado a um processo mais profundo. Aqui, isso fica como uma hipótese a ser investigada.

Exercer a paternidade/maternidade implica responsabilizar-se pelo desenvolvimento de um indivíduo, em uma sequência de trocas que pode acarretar transformações recíprocas, ou seja, tanto para a criança que, na

primeira fase da vida, depende da constelação dos arquétipos parentais para se desenvolver, quanto para os pais, que podem vivenciar a parentalidade a favor de seu processo de desenvolvimento.

Muitos conteúdos podem emergir na experiência da paternidade/maternidade, que se torna, então, uma trajetória de descobertas e redescobertas, uma vez que propicia um retorno dos pais ao passado, ou seja, a seus complexos primordiais, oferecendo-lhes uma oportunidade de elaborá-los enfraquecendo sua autonomia.

No entanto, ao mesmo tempo que o movimento de regressão aparece com o lembrar dos possíveis erros que os participantes avaliam terem ocorrido em sua educação (certamente, cometidos por seus pais e/ou cuidadores), também aparece um movimento prospectivo quando eles expressam o desejo de não cometer os mesmos erros com a criança ainda presente apenas em seu imaginário.

Há, também, o embate entre dois sujeitos (pai-filho; mãe-filho) que, ao se encontrarem, simultaneamente se diferenciam e se integram, o que nos remete ao processo de desenvolvimento por meio da constelação do arquétipo da alteridade¹ – quando o indivíduo (pai/mãe) pode se reconhecer como si mesmo após estabelecer o confronto com o que é do outro.

Em síntese, considera-se que a adoção representa a chance de os pais adotivos exercerem a função paterna ou materna, tendo e criando filhos com os quais não há vinculação genética. Além de proporcionar à criança adotada a possibilidade de ser cuidada por uma família, atendendo à sua necessidade de desenvolvimento, oferece aos pais a oportunidade de seu próprio desenvolvimento.

1 De acordo com Byington (2015), dado que a essência do pensamento de Jung é a busca da totalidade, que compreende a possibilidade de integração das polaridades, o arquétipo da alteridade “é capaz de abordar o mistério da igualdade dos opostos e coordenar a interação dialética da polaridade básica da psique, formada pelos arquétipos matriarcal e patriarcal, no Self individual e coletivo” (Byington, 2015, p. 215).

Desejo de formar uma família

Verificou-se que 40% dos casais participantes mencionaram o desejo de formar uma família como motivação para a adoção. No entanto, o que chama atenção, nesta pesquisa, é que 100% dos casais participantes associaram o tema família ao desenho sobre os motivos que os levaram a procurar a adoção. Furth (2004) relembra que, na concepção de Jung, o inconsciente, coletivo ou pessoal, pode ser representado na arte por meio das imagens e dos símbolos.

Análise do tema: desejo de formar uma família

A família é a unidade básica de interação social que tem por finalidade assegurar a sobrevivência biológica da espécie e propiciar o desenvolvimento psíquico dos descendentes, que decorre da constante aprendizagem proveniente das relações estabelecidas. A família se desenvolve por meio de três tipos de relações pessoais: de aliança (casal), de filiação (pais/filhos) e de consanguinidade (irmãos). Mas a primeira e fundamental função psíquica da família é prover o alimento afetivo indispensável à sobrevivência de seus recém-nascidos (Osório, 2002).

A maioria dos participantes declarou já se sentir uma família por formar um casal, caracterizando a relação de aliança postulada por Osório (2002). No entanto, um dos casais, embora também tenha afirmado que já se percebia como uma família, relatou um sentimento de falta, de vazio devido à ausência de filhos. Outro casal mencionou sentir-se parte de uma família – a família de origem –, mas manifestou o desejo de formar seu próprio núcleo familiar, de modo a assumir um novo papel como pais de seus próprios filhos, valorizando, portanto, as relações de filiação. Por sua vez, outro casal, que já possui um filho biológico, demonstrou que se sentia família, mas desejava maior união, integração e movimento, que seriam proporcionados pelo acolhimento de mais filhos.

A importância simbólica e psicológica da família para a constituição do indivíduo é um tema inesgotável. O sentimento de pertencimento que pode ser proporcionado pela vida em família – que não precisa ser,

necessariamente, ligada por laços de sangue ou ao tipo de família, como um lugar de cuidado – ampara a formação da personalidade em suas várias dimensões.

Grupo temático II – Caminho para a adoção

Nessa seção, será analisado o tema que compõe o Grupo temático II, que resultou da resposta dos casais participantes à última questão realizada na entrevista: como o casal chegou à ideia da adoção?

Infertilidade e dificuldade de engravidar

Nesta pesquisa, 80% dos casais participantes trouxeram o tema da infertilidade/dificuldade para engravidar. Entre eles, um casal apresentou o que a OMS denomina como infertilidade secundária involuntária (incapacidade de gerar outro filho após ter gerado pelo menos um). Esse casal *já possuía um filho biológico e, segundo eles, “o tempo passou e não conseguimos mais”, referindo-se à idade avançada que, segundo a OMS, pode aumentar a dificuldade em se conseguir a gravidez biológica.*

Dois casais, ou 40% da amostra, atenderam ao critério da definição de infertilidade primária, não conseguindo engravidar após doze meses de relação sexual sem uso de método contraceptivo. No entanto, esses participantes não realizaram os exames específicos para comprovarem o possível diagnóstico de infertilidade, justificando que a ideia da adoção já atenderia ao desejo do casal de ter filho, ser pai/mãe e/ou de formar uma família.

Segundo as pesquisas consultadas na revisão da literatura sobre o tema, a infertilidade seria uma das motivações de muitos casais para a adoção. No entanto, neste trabalho, entende-se que a infertilidade/dificuldade para engravidar não foi apresentada pelos casais participantes como motivação, mas sim como caminho para a adoção.

Análise do tema: infertilidade e dificuldade de engravidar

Ainda que o fardo da infertilidade, em geral, recaia sobre a mulher, uma vez que os aspectos mais visíveis da fertilidade, como a gravidez e o parto, são prerrogativas femininas, vale lembrar que existe, também, a infertilidade masculina. Rowe, Comhaire, Hargrave, Mellows (2010) mencionam o manual da OMS para investigação e diagnóstico padronizado do casal infértil, indicando que a capacidade reprodutiva masculina foi considerada deficiente em pelo menos 50% dos casais inférteis.

O resultado desta pesquisa, de certa maneira, corrobora esse resultado, pois entre os cinco homens participantes, três relataram sofrer de algum problema orgânico que pode dificultar a concepção como: varicocele, baixa mobilidade dos espermatozoides e diminuição da sua produção. Vale salientar que um dos participantes também apresentou dificuldade de conceber, após doze meses de relações sexuais sem uso de método contraceptivo, mas não realizou os exames necessários para investigação de um possível diagnóstico de infertilidade masculina.

A definição de infertilidade como doença do sistema reprodutor caracterizada pela dificuldade de ter filhos após doze meses de relações sexuais sem proteção contraceptiva coincide com o fato de os médicos ginecologistas de duas participantes desta pesquisa terem sugerido que os casais realizassem exames para melhor investigação das possíveis causas que impediram uma gravidez após um ano de relações sexuais sem uso de métodos contraceptivos. Contudo, um casal não realizou nenhum dos exames, e outro realizou apenas parcialmente os exames solicitados. É possível levantar a hipótese de que esses participantes tiveram dificuldade em confrontar a possibilidade da infertilidade, preferindo manter a incerteza a se verem como inférteis. Nesses casos, é possível que um padrão machista de gênero tenha direcionado o casal para essa escolha.

É de se notar que o tema infertilidade versus gerar um filho biologicamente foi aquele que mais parece ter provocado divergência entre os casais, observada, por exemplo, quando um dos homens de um casal referiu que seu desejo era o de procurar o Poder Judiciário para buscar o procedimento de habilitação para a adoção, desde o início do casamento,

enquanto sua mulher preferiu primeiro realizar algumas tentativas de ter filho pela via biológica. Um outro homem de outro casal relatou que, mesmo habilitados para a adoção, o casal não tem utilizado métodos contraceptivos, acreditando na possibilidade de acontecer a gravidez biológica, enquanto sua mulher pareceu ter mudado de opinião e disse que não mais desejava ter filho biológico por acreditar que já tivesse passado da idade.

Observou-se, em comum no discurso dos casais, certa ambivalência ao falar sobre o desejo de ter um filho biológico. Embora a maioria dos casais tenha declarado não acreditar que a via biológica seria o único meio de se tornarem pais, manifestaram, em alguns momentos, dor, frustração, sentimento de fracasso e até mencionaram tentativas (fertilização, barriga de aluguel) de ter um filho pela via biológica. Mais uma vez, enfatiza-se a imagem da importância dos “laços de sangue”, em vez do cuidado como componente da parentalidade, visão esta própria do patriarcado tradicional.

Por fim, levando em conta os grupos temáticos identificados, entendemos que as motivações para a adoção apresentadas pela maioria dos casais participantes desta pesquisa estão relacionadas ao desejo de exercer a paternidade/maternidade, de ter filho ou de formar uma família. Entretanto, diante da infertilidade ou da dificuldade para engravidar, a adoção surgiu como um caminho, um meio para realizarem esse desejo.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Dutra e Maux (2010), a adoção ficou associada, na cultura, a uma medida para resolver a situação de casais inférteis. O fato de essa crença ainda povoar o imaginário social fica comprovado não só pelas observações que a pesquisadora teve a oportunidade de realizar em seu trabalho na Vara da Infância e da Juventude como também pelos depoimentos obtidos no desenvolvimento deste estudo. Os participantes que apresentaram alguma dificuldade de gerar um filho biológico demonstraram ter a expectativa de encontrar, na adoção, um caminho válido para superar essa dificuldade. Nesse sentido, ainda que a maioria dos estudos sobre o tema aponte a condição infértil como uma motivação para a adoção,

os achados desta pesquisa sugerem que a infertilidade não representa uma motivação propriamente dita, mas, antes, um dos elementos presentes e atuantes no percurso para a adoção.

No que diz respeito aos demais resultados derivados da análise qualitativa dos conteúdos, as seguintes motivações para a adoção foram encontradas: desejo de formar uma família; desejo de exercer a paternidade/maternidade; desejo de ter filho. Esse resultado corroborou as conclusões de grande parte dos estudos sobre as motivações para a adoção, exceto no que se refere à motivação de ajudar uma criança, citada por alguns autores e que não surgiu de maneira explícita nesta pesquisa.

Foi possível identificar que as motivações apresentadas expressavam aspectos conscientes e inconscientes. Observou-se, assim, que alguns casais conseguiram organizar em palavras, manifestando de forma clara os motivos que os levavam a querer adotar uma criança. Outros, todavia, pareceram organizar seus pensamentos, ao longo do processo de coleta de dados, como se ainda não tivessem totalmente clara ou consciente a razão que os tinha levado à adoção. Além desses, alguns participantes ainda apresentaram a motivação para a adoção de forma implícita no discurso.

A motivação para a formação de uma família merece análise mais aprofundada. Pouco presente no discurso dos participantes – apenas dois casais mencionaram esse motivo nas entrevistas –, destacou-se por ser tema da totalidade dos desenhos realizados durante a aplicação da técnica expressiva. Isso sugere que, para os casais estudados, essa é uma temática mais próxima do inconsciente do que da consciência.

A partir de uma leitura junguiana, entende-se que, quanto mais inconscientes estiverem alguns aspectos da motivação para a adoção, mais associados estarão à sombra ou aos complexos dos pretendentes. Sendo assim, vê-se aumentado o risco de conflitos derivados de possíveis projeções indevidas sobre a criança adotada. O fato de os motivos para a adoção poderem estar ligados a aspectos sombrios ou complexados é sugerido por algumas posturas defensivas dos participantes, tais como: a negação de alguns pretendentes a investigar, do ponto de vista biológico e psicológico, o

que impediu uma gestação clínica, com a conseqüente negação da realidade e dos significados da adoção; uma possível ausência de elaboração do luto pelo filho biológico; a idealização da criança e da adoção.

A dificuldade em elaborar o luto pela criança que não puderam gerar refletiu-se na ambivalência e nas divergências manifestadas pelos participantes ao tratarem do desejo de ter um filho biológico. De um lado, ao mesmo tempo em que reconheceram que esse não é o único caminho para o exercício da parentalidade, mencionaram o sofrimento, a frustração e o sentimento de fracasso em razão do insucesso das tentativas e dos investimentos feitos para conseguirem gerar um filho. De outro lado, os relatos obtidos demonstram que, nem sempre, os parceiros estavam ou tinham estado de acordo, por exemplo, com o momento mais indicado para buscarem a adoção e com a possibilidade de continuarem a tentar ter mais um filho por meio de uma gestação biológica.

A idealização da criança, da adoção e da família apareceu, nesta pesquisa, por meio da elevada expectativa que os participantes demonstraram, acreditando que, com a vinda do filho adotivo, poderiam se constituir como uma família completa e integrada. A família, também vista como um ideal quase sagrado, representaria a possibilidade de realização, continuidade, felicidade, vivência do amor e preenchimento de um vazio sentido de forma indefinida. Além disso, ainda na perspectiva simbólica, o fato de a criança a ser adotada não ter sido gerada pelos pais adotivos pode reforçar a projeção da criança divina, “salvadora”, análoga à representação do Menino Jesus, que, segundo o mito cristão, veio ao mundo sem ser concebido pelo ato sexual. Tal idealização, por meio da qual a figura do “salvador” é projetada sobre o futuro filho, pode sinalizar a constelação do arquétipo da criança divina.

Para a psicologia analítica, o motivo arquetípico da criança pode anunciar uma possível transformação futura da personalidade. Simbolizando a unificação dos opostos, traz a salvação e propicia a completude. Supõe-se que, se for possível a retirada da projeção da figura do salvador sobre o filho adotivo, os atributos relacionados à criança arquetípica podem vir a ser integrados à consciência do casal, contribuindo para o seu processo

de individuação. Mas, se essa idealização permanecer projetada na criança, ela será considerada a que vem para salvar os pais e a família, advindo daí grandes problemas, pois ela não será vista como outro.

A análise dos depoimentos e, em especial, dos desenhos, sugere também que as imagens materna e paterna e da família aparecem na psique dos pretendentes à adoção. Praticamente a totalidade das representações gráficas dos casais ressalta a função parental, tanto por colocar a criança (ou aquilo que a simboliza) entre as figuras que representam os pais quanto pelas associações feitas no inquérito. Idealmente, esse movimento poderia representar a revisão e ressignificação dos complexos parentais dos pretendentes à adoção, de modo a favorecer uma relação mais saudável com o filho que irão adotar.

REFERÊNCIAS

- Arruda, C. P. Lima M. P.A. (2012). O fruto inatingível: uma análise simbólica da infertilidade masculina. *O Mundo da Saúde*, 36 (2), 284-290.
- Byington, C. A. B. (2015). *Psicologia Simbólica Junguiana: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: edição do autor.
- Rowe, P. Comhaire, F. H. Hargrave, T.B.Mellows, H.J. *Manual for the investigation and diagnosis of the infertile couple*. Geneva: WHO.
- Donatelli, M. F. (2020). *Adoção e segredo: a história de Marcos*. São Paulo: Sattva.
- Dutra, E.; Maux, A. A. B. (2010). A adoção no Brasil: algumas reflexões. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10 (2), 356-372.
- Faria, D. L. (2003). *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC/FAPESP.
- Faria, D. L. (2020). *Imagens do pai e do masculino na clínica e na cultura*. Curitiba: Appris.
- Faria, D. L. (2023). *Um modelo de trabalho grupal com a parentalidade*. São Paulo: Foco Editorial.
- Furth, G. M. (2004). *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*. São Paulo: Paulus, 2004

- Gimenes, F. M. A. (2016). *Entre o desejo manifesto de criança e a viabilidade da adoção: um estudo psicanalítico sobre motivações inconscientes que obstam o processo adotivo*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Gondim, A. K. Crispim, C.S. Henrique, Fabianna Fernandes, T. Rosendo, J. C Brito, T. M. C. Oliveira, A. B. Nakano, T. C. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*. 58 (129), 161-170.
- Jung, C. G. (2015) *Individuação* In: Jung, C. G. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, (Original publicado em 1928)
- Lei Federal Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 1 dez. 2019.
- Lei Federal Nº 12.010/09, de 3 de agosto de 2009. Lei Nacional da Adoção. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.010%2C%20DE%203%20DE%20AGOSTO%20DE%202009.&text=%C2%A7%2020%20Na%20impossibilidade,1990%2C%20e%20na%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal>. Acesso em: 1 dez. 2019.
- Levy, L.; Féres-Carneiro, T.(2001). Da maternidade impossível ao possível da filiação: sobre o desejo de adoção. Rio de Janeiro: *Tempo Psicanálise*, 33, 77-88.
- Oliveira, P. A. B. A.; Souto, J. B.; Silva Júnior, E. G. S.(2019, dez.). Adoção e psicanálise: a escuta do desejo de filiação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37 (4), 909-922. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003672016>>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- Osório, L. C. (2002). *Casais e famílias: uma visão contemporânea*. Porto Alegre: Artmed.
- Paiva, L. D. (2004). *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Paiva, L. D. (2017). O psicólogo judiciário e as “avaliações” nos casos de adoção. In: Shine, S. (Org.). *Avaliação psicológica e lei: adoção, vitimização, separação conjugal, dano psíquico e outros temas*. (pp. 73-112). São Paulo: Pearson Clinical Brasil.
- Penna, E. M. D. (2004). O paradigma no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16 (3), 71-94.
- Souza, R. M. de (1994). Paternidade em transformação: o pai singular e sua família. São Paulo. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. PUC-SP.
- Vescovi, G. (2013). Motivações para adotar e relacionamento na família adotiva: análise de um filme infantil. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 14 (1), 66-73.
- Winnicott, D. W. (2016). *Privação e delinquência*. São Paulo: WMF
- Zegers-Hoschchild, F. Adamson, G.D. Sylke D.Rakowisk, C. Mouzon, J. Sokol, R. Rienzi, L. Sunde A. Schmidt, L. Cooke, I. Simpson, J. L.Poel, V. D. P. (2017). International Committee of Monitoring Assisted Reproductive Technology (ICMART) and the World Health Organization (WHO) revised glossary of art terminology. *Fertility and Sterility*, 92 (5), 1520-1524.

Recebido em 12/01/2023

Aceito em 28/08/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.